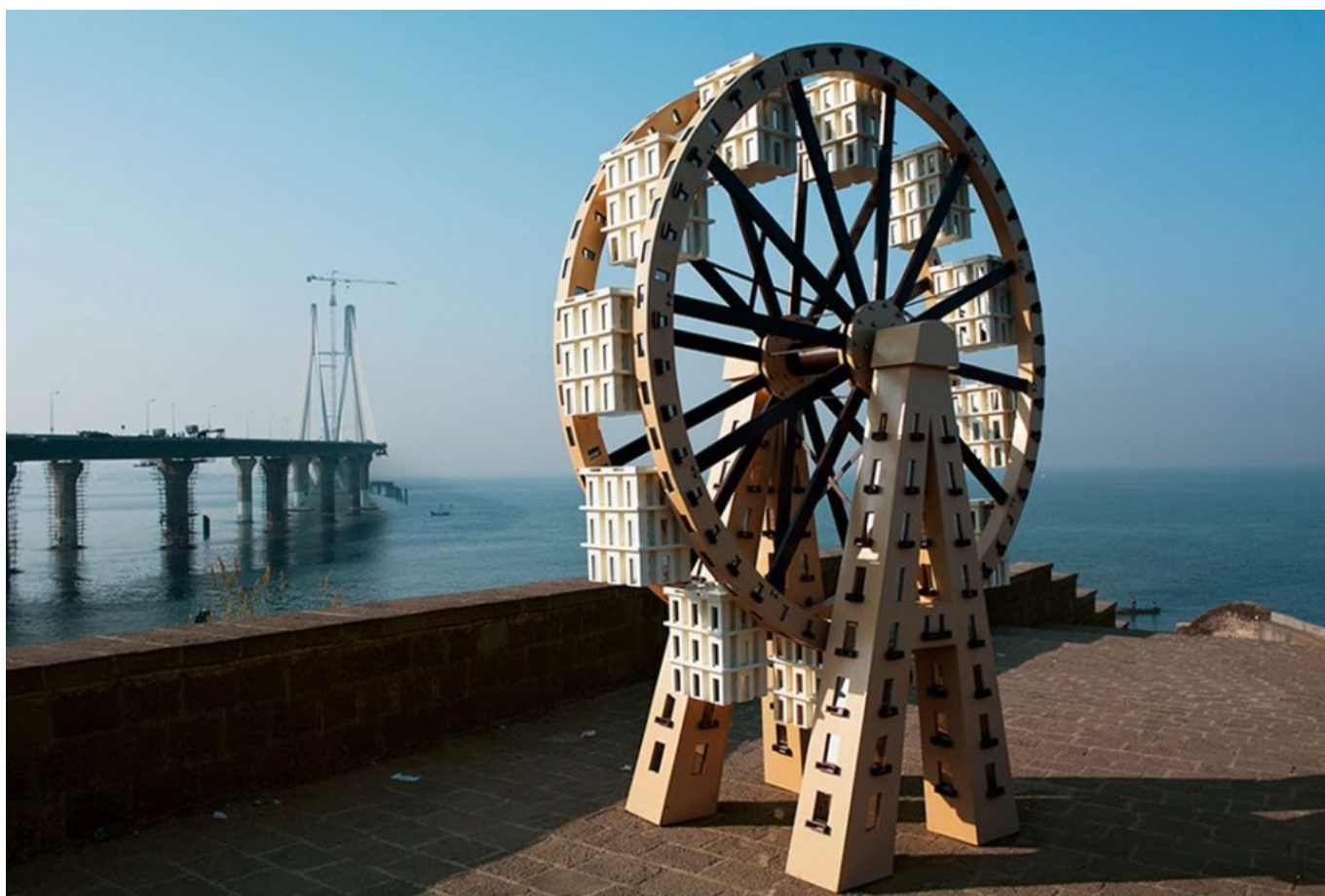


O Sul Global precisa de emprego produtivo | Carta semanal 5 (2026)



Gigi Scaria, *Roda*, 2009.

Queridas amigas e amigos,

Saudações do Instituto **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

No 79º Dia da Independência da Índia, em agosto de 2025, o primeiro-ministro Narendra Modi dedicou seu **discurso** ao Viksit Bharat 2047 (Índia Desenvolvida 2047) e anunciou uma Missão Nacional de Manufatura. A missão, segundo ele, deve “reduzir a dependência de importações e fortalecer a resiliência econômica” em setores que vão da aeroespacial à inteligência artificial. Ele instou os 28 estados, os oito territórios da união e o governo central da Índia a identificarem 100 “produtos prioritários” para a fabricação nacional e acrescentou que os governos estaduais devem simplificar as regulamentações e aprovações, “especialmente no que diz

respeito a terras, serviços públicos e infraestrutura social”, a fim de “atrair empresas globais”. O Viksit Bharat 2047 é uma versão renovada do programa “Make in India” de Modi, de 2014. Ambos os projetos se baseiam em três premissas:

1. O investimento estrangeiro direto impulsionará a manufatura nacional.
2. As empresas indianas podem fabricar produtos, mas apenas sob a tutela de conglomerados estrangeiros.
3. O fato de que mesmo essas empresas não precisam construir toda a cadeia de suprimentos na Índia – ou mesmo a maioria dos elos de valor agregado –, já que a montagem é suficiente para se qualificar como “fabricado na Índia”.

Quando a economia da Índia foi aberta ao investimento estrangeiro em 1991, na fase conhecida como liberalização, não havia clareza sobre a natureza e a composição do investimento necessário para construir capacidade industrial e tecnológica – ou quais condições deveriam reger o capital estrangeiro – nem um plano de longo prazo para a industrialização. Do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, chega nosso mais recente dossiê, *A turbulência da economia indiana* (janeiro de 2026), que analisa como a liberalização desmantelou empresas públicas estratégicas – como a de eletrônicos – e aprisionou a Índia na condição de exportadora de serviços, sem, no entanto, abordar o enorme desafio do desemprego.



Gigi Scaria, *Assentamento*, 2010.

As economias capitalistas avançadas não alcançaram a industrialização sustentada simplesmente por terem começado mais cedo, nem porque a manufatura inicial fosse intrinsecamente mais intensiva em mão de obra.

Seu desenvolvimento industrial foi possibilitado por condições políticas e econômicas que estão amplamente ausentes nos países pós-coloniais de hoje: proteção prolongada dos mercados internos, acesso aos territórios coloniais como fontes de mão de obra e matérias-primas e – principalmente – mercados externos que pudessem sustentar a demanda por bens manufaturados quando a profunda desigualdade interna restringia o poder de compra das massas.

As colônias desempenharam um papel central na estabilização da acumulação industrial na Europa e na América do Norte. Elas absorveram o excedente de mão de obra, forneceram alimentos e insumos baratos e funcionaram como mercados cativos ou privilegiados para as exportações de produtos manufaturados. Essa externalização da demanda significou que a produção pôde continuar a se expandir apesar da limitação das desigualdades internas, permitindo que o emprego na indústria manufatureira persistisse e as tecnologias evoluíssem. Mesmo no caso dos Estados Unidos, a industrialização inicial foi sustentada pelo acesso a mercados externos, primeiro por meio dos *déficits* comerciais britânicos e, posteriormente, por sua própria posição hegemônica na economia mundial. No período pós-guerra, esse sistema foi reforçado pela gestão da demanda keynesiana e pelo fortalecimento do poder de negociação dos trabalhadores, moldado em parte pela existência do bloco socialista.



Gigi Scaria, *Força humana*, 2018.

Em contraste, as economias do Sul Global, como a da Índia, operam dentro de uma estrutura global que restringe o espaço político, disciplina a intervenção estatal e privilegia a liberalização do comércio e a mobilidade de capitais. Nesse contexto, a principal restrição à industrialização não é o acesso à tecnologia, mas a falta de demanda, tanto interna quanto externa. Na Índia, a extrema desigualdade de renda limita a demanda interna por bens manufaturados, enquanto os mercados externos são altamente competitivos e dominados por empresas e Estados com muito mais recursos tecnológicos e apoio estatal.

A estagnação da indústria manufatureira na Índia, portanto, não deve ser entendida como o resultado de uma janela histórica perdida ou um processo irreversível de “**desindustrialização prematura**”. O emprego formal na indústria nunca foi substancial, e sua expansão limitada foi seguida por estagnação, e não por colapso. O problema mais profundo reside na erosão seletiva das capacidades industriais essenciais para o desenvolvimento a longo prazo – como bens de capital, máquinas pesadas e eletrônicos – mesmo com o crescimento de certos setores voltados para o consumidor, como o automobilístico.



Gigi Scaria, *Post Land*, 2008.

O dossiê argumenta, portanto, que a crise industrial da Índia é melhor compreendida como resultado de escolhas políticas e de políticas públicas que restringiram a demanda, enfraqueceram setores industriais estratégicos e integraram a economia ao capitalismo global em termos subordinados. A produção industrial estagnou não porque a industrialização não seja mais possível, mas porque as condições necessárias para sua expansão – redistribuição de renda, política industrial liderada pelo Estado e acesso a mercados estáveis – foram sistematicamente minadas.

Nosso dossiê apresenta cinco pontos principais:

1. Desde 2000, a Índia tem experimentado um declínio sustentado na indústria manufatureira, com sua participação no PIB caindo para níveis vistos pela última vez há mais de sessenta anos. Isso foi acompanhado por um fraco crescimento industrial e pela redução do emprego formal. O economista R. Nagaraj **argumenta** que a participação da indústria manufatureira no PIB da Índia estagnou em 15% a 17%, mesmo com o crescimento da economia. A participação do emprego na indústria manufatureira diminuiu, enquanto a da agricultura cresceu – ambos sinais de desindustrialização prematura. Nagaraj aponta que a queda nos investimentos e a dependência de importações, particularmente de bens intermediários e de capital, são causas imediatas desse desenvolvimento.
2. Iniciativas políticas sucessivas – incluindo o Make in India, o Atmanirbhar Bharat (Índia Autossuficiente) e os programas de incentivo à produção – não conseguiram construir um setor industrial tecnologicamente avançado e amplo. Em vez disso, incentivaram a produção baseada em montagem, que depende de componentes importados (como mostrado em um **artigo** de 2020 de Ramaa Arun Kumar e Biswajit Dhar).
3. A falha em conduzir a reforma agrária e a intensidade da desigualdade entre classes na Índia restringiram a demanda interna, limitando a escala da industrialização.
4. A liberalização comercial, a privatização e o enfraquecimento do setor público corroeram os bens de capital e as indústrias intermediárias, aumentando assim a intensidade das importações e minando as capacidades tecnológicas domésticas (mostramos isso por meio de exemplos do setor de informática).
5. Por fim, argumentamos que o crescimento impulsionado por serviços é um substituto inadequado para a indústria manufatureira, uma vez que esse tipo de crescimento – particularmente nos setores de TI e finanças – não absorve mão de obra nem fortalece a capacidade industrial. Esse padrão deixa a maioria dos trabalhadores presos em empregos precários e de baixa remuneração, produzindo uma nação em situação de precariedade.



Gigi Scaria, *Tentativa hesitante*, 2018.

Propomos os seguintes pontos para dar continuidade ao debate sobre a industrialização indiana:

1. A política industrial deve ser vista como um programa político, não como um exercício tecnocrático. Ela exige a mobilização explícita da população – incluindo sindicatos, associações de camponeses, governos estaduais, órgãos de autogoverno local e outras instituições e organizações – em torno de um debate econômico.
2. O objetivo primordial de qualquer política industrial deve ser o emprego produtivo (como **argumentou** Satyaki Roy há uma década). O sucesso industrial deve ser avaliado pela absorção de mão de obra da agricultura e do trabalho informal, não pelos volumes de exportação ou pelas avaliações do mercado de ações. Isso exigirá investimento em educação e treinamento, para que a Índia não fique presa a um modelo de mão de obra pouco qualificada.
3. A redistribuição precisa ser vista como uma condição prévia para o crescimento industrial. Aumentar a demanda interna exige o aumento dos salários, garantias de emprego rural e urbano e assistência pública universal (de alimentação, moradia, saúde, educação e transporte).
4. O Estado deve ser produtor, não apenas regulador. Isso significa que a capacidade do setor público de produzir bens de capital, energia, máquinas, produtos farmacêuticos e equipamentos de transporte precisa ser aprimorada e desenvolvida por meio da criação de concorrência de mercado dentro do setor público.
5. A dependência de importações, o flagelo de qualquer país em desenvolvimento, precisa ser superada pelo uso seletivo de tarifas e restrições quantitativas às importações. Deve haver requisitos de conteúdo local para certos bens e sistemas de compras públicas que favoreçam os produtores nacionais.
6. Qualquer projeto de desenvolvimento precisa ser construído em torno do aumento da capacidade tecnológica e científica. A integração em cadeias de valor globais não deve ser um fim em si mesma, mas um meio de aumentar o aprendizado por meio da transferência de conhecimento e tecnologia e de expandir a pesquisa e o desenvolvimento nacionais.
7. Os objetivos da política industrial devem ser específicos para cada setor. Por exemplo, setores intensivos em mão de obra, como têxteis e engenharia leve, devem ser direcionados para a absorção de empregos, enquanto os setores farmacêutico e eletrônico devem ser direcionados para a soberania estratégica. Cada setor requer combinações personalizadas de investimento público, proteção estatal e regulamentação. A industrialização deve ser descentralizada e não confinada a enclaves urbanos para evitar tanto o congestionamento urbano quanto a crise rural.
8. O financiamento deve servir à produção e não o contrário. Os controles de capital são necessários para conter os fluxos especulativos, o crédito deve ser direcionado para setores estratégicos (particularmente para pequenas e médias empresas) e os bancos públicos devem ser orientados a trabalhar em prol dos objetivos de desenvolvimento nacional, e não apenas do lucro privado.

Esta lista certamente não é exaustiva, mas sim um convite ao debate e à discussão – não apenas na Índia, mas em todos os países do Sul Global que lutam para se desvencilhar do modelo de desenvolvimento do FMI.



Gigi Scaria, *Sem título*, 2020.

Ao escrever esta carta, refleti sobre o que toda essa conversa sobre industrialização poderia significar na vida das mulheres de castas oprimidas, que tantas vezes não são contempladas pelas políticas industriais. Lembrei-me da poetisa tâmil Sukirtharani, que recusou um prêmio do Grupo Adani, **afirmando** que sua postura em relação ao mundo “é antitética aos meus princípios”. Uma poetisa poderosa que **escreve** contra o patriarcado e o sistema de castas, seu poema “A Fonte da natureza” nos transmite o sentimento de plena emancipação humana que deveria ser central em todo o nosso pensamento.

Digamos que me enterrem viva.

Eu me tornarei um campo verdejante
e me estenderei, uma terra fértil.

Você pode me incendiar;
Me tornarei um pássaro flamejante
e voarei pelo vasto espaço.

Você pode com uma varinha mágica
me aprisionar, um gênio na garrafa;
Me tornarei vapor como mercúrio
e me erguerei em direção ao céu.

Você pode me dissolver no vento
como água imersa em água;
de todas as suas direções
eu emergirei, como um sopro.

Você pode me emoldurar, como uma pintura,
e me pendurar na sua parede;
Me derramarei, para além de você,
como um rio em cheia repentina.

Eu mesmo me tornarei
terra
fogo
céu
vento
água.

Quanto mais você me confinar, mais eu transbordarei,
a fonte da Natureza.

Cordialmente,

Vijay